

A POLÍTICA EXTERNA SINO-RUSSA PARA O ÁRTICO

RÊGO, Alana Karla Monteiro Leal¹

RESUMO

O presente artigo apresenta a política externa da Rússia e da China em relação ao Ártico, analisando seus interesses territoriais, de recursos e estratégicos na região. Argumenta que a parceria sino-russa é um fator importante no cenário geopolítico do Ártico, embora também existam tensões e desafios nessa relação. O artigo destaca a busca da Rússia por afirmar sua posição como potência energética no Ártico, enquanto a China busca acesso a recursos e rotas marítimas. A análise nos leva a questionar: A parceria Sino-Russa impacta no Sistema Internacional? E, com os olhos voltados ao Ártico, observa-se esse transbordamento nas Relações Internacionais. Palavras-Chave: Rússia. Ártico. China.

Palavras-chave: Rússia. Ártico. China

INTRODUÇÃO

A percepção e mensuração da importância estratégica do Ártico vêm sendo ampliada desde a Guerra Fria (1947-1991) conforme aponta The Netherlands, (2014), em que foram realizadas trajetórias de voo do Ártico. Submarinos americanos usavam regularmente passagens entre as ilhas nos eixos árticos. Mesmo os mísseis balísticos intercontinentais terrestres das duas superpotências e bombardeiros estratégicos foram e são programados para seguir as rotas do Ártico, consoante indica The Netherlands, (2014).

¹ Graduada em Relações Internacionais e mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Segundo o mesmo autor, o único porto sem gelo que deu, à frota de superfície da marinha soviética, livre acesso ao Oceano Atlântico, foi o Porto de Murmansk, localizado no Ártico Russo. Peça fundamental na dissuasão entre os Estados Unidos e a União Soviética, o Ártico desenvolve seu papel desde então. Os estados do Ártico são os oito países com território ao norte do Círculo Ártico: Noruega, Rússia, Estados Unidos, Dinamarca, Canadá, Islândia, Suécia e Finlândia. Os cinco primeiros são estados costeiros do Ártico, com suas águas territoriais ao norte do Círculo Ártico. Graduada em Relações Internacionais e mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Fazendo a comparação entre as grandes rotas para os portos europeus, saindo de Yokohama, Japão, seriam 12.894 milhas via Canal de Suez, enquanto pela passagem do Norte seriam 8.452 milhas. A partir de Shangai, na China, seriam 12.107 milhas via Canal de Suez, enquanto pelo Norte, 9.297 milhas. Já a partir de Vancouver, Canadá, seriam 10.262 milhas via Canal do Panamá, enquanto pelo Norte seriam 8.038 milhas, conforme afirma Smith-Windsor, (2013).

Outra questão relevante é que, dos 60 principais campos de petróleo e gás do Ártico, 43 estão em território russo. As reservas de gás mais importantes se localizam no Mar de Barents, Sibéria Ocidental e no Alasca, em conformidade com Netherlands, (2014).

A problemática é que as reservas de petróleo do Ártico são em grande parte offshore, e só podem ser extraídas com dificuldade, sendo este o grande obstáculo: a necessidade de tecnologia sofisticada e financiamento para tal. Entre empresas petrolíferas presentes na extração de petróleo e gás no Ártico, a norueguesa Statoil domina a maior expertise em perfuração offshore. A Rosneft e Gazprom marcam participação majoritária em projetos russos. A norte-americana Exxon Mobil, a inglesa British Petroleum e a anglo-holandesa Shell também estão operando no Ártico.

As três novas rotas de navegação estão em destaque: a passagem Noroeste, indo do oeste da Groenlândia ao norte do Canadá; a passagem Nordeste, ao norte da Rússia; e a passagem Norte.

1. O ÁRTICO RUSSO

O Círculo Polar Ártico, em maior extensão, pertence ao litoral norte da Federação Russa (FR). Ambição nacional, o desenvolvimento da Rota do Norte exige investimentos para ampliação, modernização e desenvolvimento para seu usufruto, bem como a necessidade de lidar com a questão climática e camadas de gelo que desenham um instável cenário para a FR quando ausente de tecnologias, relativo aos meios de transporte, navios quebra-gelo e áreas não-marítimas, que englobam gasodutos, rotas de aviação, ferrovias e estradas.

O Ártico é notadamente destaque para a Federação Russa desde Dmitri Medvedev, publicado em documentos oficiais em 2009. A Estratégia de Segurança Nacional para o Ártico busca reintroduzir a Rússia como potência energética, que tem como base quatro documentos.

O “National Strategy of 2009 to National Security until 2020”, conforme indica Federação Russa, (2008a, 2008b) e “The National Security Strategy of the Russian Federation”, consoante consta Federação Russa, (2015) embora muito parecidos, são documentos complementares. O primeiro trata do desenvolvimento no Ártico para a Segurança Nacional da Rússia, como prioridades estratégicas oficialmente reconhecidas e distribuídas em metas e medidas em relação à política interna e externa da Federação. O Segundo expande conceitos tradicionais de segurança para incluir aspectos de direitos humanos e ambientais; enfatizando o compromisso contínuo da Rússia com o direito internacional.

O planejamento mais detalhado consta em “The Energy Strategy of the Russian Ministry of Energy for the period up to 2030”, em conformidade com Federação Russa, (2010) e “Transports Strategy of Transports Ministry of Russian Federation up to 2030”, consoante Federação Russa, (2008c), documentos que congregam todo o posicionamento da Política Externa da Federação Russa para o Ártico.

O documento “Conceito de Política Externa de Federação Russa”, destaca-se Federação Russa, (2008b), aprovado em julho de 2008, buscava reintroduzir a Rússia como uma superpotência energética, para cumprir o futuro econômico da Rússia. A necessidade de ligar a segurança energética com as formas de segurança e a lei sobre recursos do Ártico, que prevê como o país

abordaria a questão de recursos subaquáticos árticos e de qual forma devem ser aproveitados, bem como o documento que nomeou a plataforma continental do Oceano Ártico como patrimônio nacional russo.

A indicação dos interesses nacionais e objetivos básicos da Federação Russa na região do Ártico, e de como a política de estado da Rússia na região deve ser desenvolvida, são formadas em todos os quatro documentos, tornando evidente o objetivo final da política da Rússia em fazer uso do Ártico como base estratégica de recursos por acesso aos recursos naturais dentro das suas Zonas Econômicas Exclusivas (ZEE).

Segundo tais documentos, a Federação tem por objetivos: 1) usar os recursos para o desenvolvimento econômico; 2) construir o Ártico em pilares de paz e cooperação; 3) preservação ecológica e 4) desenvolver a Rota do Mar Norte, a favorecer as linhas de transporte nacionais, segurança militar e defesa do país através de suas fronteiras, firmando as forças armadas da Federação Russa na região. Os demais países comuns ao Ártico também são membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a OTAN; dilema que torna tênue as relações com a Rússia, fazendo esta ser preferível aos acordos bilaterais acerca do Ártico.

2. O OLHAR CHINÊS

A entrada da República Popular da China como membro observador no Conselho do Ártico em 2013, se deu sob o apoio da Federação Russa, vista com bons olhos por grande parte dos países pertencentes ao C.A., mesmo não sendo um membro permanente. Desde 2006, a China havia feito três tentativas frustradas de ser admitida como observador permanente. A eventual decisão do Conselho de admitir a China, juntamente com a Coreia do Sul, Índia e Japão, como observadores, foi solicitada com a intenção de que todos os quatro países contribuíssem com grandes investimentos para a pesquisa do Ártico. Eis a primeira estratégia de expansão dos interesses marítimos chineses e capacidades, a fim de aumentar a influência do país em relação à economia global.

A partir disso, Putin vê a China como potencial investidor a longo prazo no NSR, principalmente pelos benefícios que ligariam a China à Europa no trânsito de cargas pela rota. A empresa russa de petróleo Rosneft e a China National Petroleum Corporation (CNPC) assinaram uma série de acordos sobre exploração nos mares de Barents e Pechora, as maiores áreas de petróleo inexploradas do mundo. O principal produtor de energia da Rússia, Novatek, também se associou à CNPC no projeto de gás natural liquefeito de Yamal, consoante afirmam RATNER; BELKIN; NICHOL; WOEHREL, (2013).

O contra-almirante chinês Yin Zhuo afirmou, conforme apontam Lackenbauer; Lajeunsse; Manicom; Lasserre, (2018), que a rota do Ártico pertence a todas as pessoas ao redor do mundo, visto que nenhuma nação tem soberania sobre isso. Ele argumenta que a China deve desempenhar um papel indispensável na exploração Ártica e deseja garantir o acesso às rotas marítimas a um custo razoável, e aumentar o seu potencial de acesso aos recursos e às zonas de pesca. Segundo o mesmo autor, a China tem hoje uma das maiores capacidades de pesquisa polar do mundo e já realizou cinco expedições de pesquisa no Ártico. Como a maior nação naval do mundo, 46% do PIB chinês está relacionado com a indústria marítima. Assim, qualquer mudança nas rotas marítimas terá impacto direto na economia chinesa, afetando a importação e a exportação, conforme aponta Conley, (2012).

Além de estarem fazendo parcerias com a Noruega e com a Rússia para aprimorar os conhecimentos em exploração de recursos em águas geladas, em 2013, foi anunciada a compra de 20% pelos chineses do projeto Yamal LNG, que deve, a partir de 2016, explorar 16,5 milhões de toneladas de gás natural do norte russo, requerendo investimentos que ultrapassam 20 bilhões de dólares, em conformidade com Sudbrack, (2013). Em maio de 2014, a Rússia e a China assinaram um acordo sobre o fornecimento de gás russo à China. O acordo também prevê investimentos chineses na infraestrutura necessária, consoante descrito em Netherlands, (2014).

Os interesses da China em relação ao Ártico têm crescido de forma constante e se tornaram parte do discurso estratégico chinês. Yamal não é o único grande projeto energético russo ligado a Pequim. Um oleoduto da estatal Gazprom, chamado Poder da Sibéria, tem três mil quilômetros e vai até a fronteira sudeste da China. Desde que Putin e o presidente chinês Xi Jinping

firmaram um acordo bilateral de fornecimento de gás em 2014, bancos e empresas chinesas já investiram mais de US\$40 bilhões em negócios russos no setor, de acordo com Sahuquillo, (2018).

Investir na capacidade nacional de pesquisa e promover a cooperação internacional em pesquisas científicas sobre questões ambientais e árticas, defesa da liberdade de navegação e exploração dos recursos naturais, são parte das políticas da China. Segundo Jalife-Rahme, (2018), a Rota Marítima do Norte é considerada pela China como a parte mais importante da Rota Polar da Seda, cujo potencial reduzirá o custo anual do comércio marítimo internacional em até 127 bilhões de dólares até 2020.

3. DE DALIAN A MURMANSK: A PARCERIA SINO-RUSSA IMPACTA NO SISTEMA INTERNACIONAL ?

Quanto aos conflitos existentes nesse espaço, ressalta-se que o interesse na defesa e segurança regional é comum aos países que constituem os exercícios militares do Ártico, como por exemplo a Noruega, que é envolvida como promotora dos ideais da OTAN, conforme destaca Smith-Windsor, (2013). É imprescindível salientar que quatro dos países do Conselho do Ártico são membros da OTAN. Pretende-se, portanto, apresentar como será o desenvolver desses impactos, que podem ou não modificar a organização territorial da autoridade política na região.

O Ártico tornou-se objeto de interesses territoriais, de recursos militares e estratégicos por parte de vários países, o que pode levar a um aumento do potencial de conflito na região, disse o ministro da Defesa da Rússia, Sergei Shoigu, consoante indica Russak, (2018). Após a anexação da Criméia e a crise no leste da Ucrânia, ambas no ano de 2014, às sanções da União Europeia para a Federação Russa têm delineado instabilidade na região ártica, conforme aponta Netherlands, (2014), delineando a possibilidade de não conseguir chegar a um diálogo entre as potências do Ártico, conduzindo novamente para se tornar a arena favorável a uma corrida armamentista, com a perspectiva de mais patrulhas e exercícios militares em atividade.

A soberania, a segurança e o desenvolvimento refletem os principais interesses nacionais dos dois países, estreitando as relações que foram ratificadas desde 2001 através do Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amigável, consoante a Federação Russa, (2001). Moscou e Pequim enfatizam, dessa forma, respeito pelo direito dos Estados de escolher seu próprio caminho de desenvolvimento e sistema sociopolítico, e que as disputas interestatais devem ser resolvidas pacificamente por meios políticos e diplomáticos.

A relação energética entre China e Rússia é mais sólida do que em qualquer outro momento da última década. Agora, devido a fatores geopolíticos como as sanções e a guerra comercial entre Estados Unidos e China, ela está sendo intensificada, conforme afirma Sahuquillo, (2018).

Essa aproximação entre os dois países busca, desde 2001, selar interesses nas searas política, militar, tecnológica e cooperação econômica. Em oportunidades de comércio e investimento, infra-estruturas e humanitárias, o interesse primário da Federação Russa é a busca por desenvolvimento e modernização, bem como minimizar os efeitos das sanções do Ocidente sobre sua economia, consoante salienta Gonçalves, (2018).

De acordo com o Conceito de Política Externa de 2016 da Federação Russa, Federação Russa, (2016), a concordância da Rússia e as abordagens fundamentais da China para resolver os principais problemas da política global é vista como um dos componentes básicos da estabilidade regional e global. Durante a visita do Presidente Putin em junho de 2016 à China, as partes adotaram uma Declaração Conjunta sobre o Fortalecimento da Estabilidade Estratégica Global, em consonância com a Federação Russa, (2015). O documento não é apenas um novo passo no desenvolvimento das relações Rússia-China, mas a contribuição da Rússia e da China para a formação de um conceito moderno de estabilidade estratégica nas relações internacionais.

No nível militar, Luzyanin; Huasheng, (2017) destacam o desejo em preservar o potencial militar dos Estados no nível mínimo exigido para atender às necessidades de segurança nacional; abstendo-se deliberadamente da construção militar e da expansão de alianças políticas militares que outros membros da comunidade internacional poderiam considerar uma ameaça à sua segurança nacional e, a partir disso, a resolução de desacordos através de um diálogo positivo e construtivo; e reforçar a confiança e cooperação mútuas.

Dados da China mostram que o faturamento do comércio bilateral cresceu 2,3% em 2016 em relação a 2015, enquanto os dados russos mostram um crescimento de 4% (até US \$69,6 bilhões e US \$66,1 bilhões, respectivamente), conforme destaca Luzyanin; Huasheng, (2017). Deve-se notar que esta tendência positiva nas relações bilaterais emergiu em meio a uma grande queda no comércio global como um todo, e uma queda do comércio da China com a maioria de seus maiores parceiros. O apoio da China em sua relação econômica com as economias emergentes, visa fornecer capital necessário, tornando-se um mercado insubstituível para seus bens e uma fonte importante para o influxo de capital nesses países.

Entre as decisões tomadas em 2016 para incentivar a cooperação transfronteiriça, está um importante acordo para estabelecer a “Comissão Intergovernamental de Cooperação e Desenvolvimento do Extremo Oriente Russo e da Região de Baikal e Nordeste da China” para gerir o quadro de reuniões regulares entre os chefes de governo dos dois países.

No mesmo ano, o embaixador da China na Federação Russa, Li Hui, disse que a Rússia, como o maior vizinho e parceiro estratégico da China, é um participante essencial da iniciativa de construir a Rota da Seda, pela qual desfruta de benefícios substanciais, consoante afirmam Luzyanin; Huasheng, (2017), a Iniciativa Belt and Road anunciada pelas administrações da Rússia e da China em 2015, tornou-se um dos tópicos mais discutidos, tanto na mídia quanto no nível do Estado. A China acredita que a Rússia seja um parceiro estratégico na região da Eurásia e espera buscar cooperação com Moscou para a promoção abrangente dos laços na Eurásia.

O “Território é Poder”, conforme descreve Friedrich Ratzel, (1988) no conceito de espaço vital enquanto condições para consolidação do poder estatal sobre o seu território, sendo este, meio fundamental para fortalecimento da relação do estado com seu povo. Ratzel afirma que as sociedades aptas a desenvolver seu poder organizacional, defesa e estratégia, fariam isso por meio dos seus territórios.

Em complemento a isso, Krasner, (2010) define Grande Estratégia como um conceito que descreve o mundo como ele é, visiona como ele deve ser e especifica um conjunto de políticas para atingir essa orientação. Autores geopolíticos russos como Dugin, (2000) Tsygankov, (2003), Sidorov, (2006) e

Simonov, (2006) convergem no pensamento propriamente geopolítico russo de defesa do seu espaço: ensinam a necessidade de entender a Rússia não somente e para além do expansionismo por tradição, mas hoje como necessidade de reafirmar-se em busca de reconquistar seu espaço como grande potência herdeira da URSS.

Unir a tradição histórica, chamada pelos autores de Ortodoxia Russa, com o mapeamento de estratégias que vão desde políticas domésticas à sua projeção no meio internacional, passando pelo alinhamento com potências regionais que sejam suporte para este fim, tendo como obstáculo seus próprios desnivelamentos em política interna, uma economia ainda instável e ameaças de atores externos em expansão ao leste europeu como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Kolosov e Mironenko, (2001), Gadzhiyev, (2000), Gerhardt; Steinberg; Tasch; Fabiano; Shields, (2000), Tsygankov, (2003) e Soroka, (2006) tratam de uma nova geopolítica russa: os autores não veem a identidade da Rússia em termos de associação com o Oriente, muito menos somente voltada ao Ocidente, mas propõem a compreensão da sua auto imagem tão presente e singular em suas jogadas políticas e os interesses do país, quando relacionados às suas fronteiras e localização no globo.

Para eles, a Rússia continua a ser o maior poder transcontinental que une os países vizinhos, um paralelo com o pensamento de Alfred Mahan, conforme destaca France, (2000), sendo privilegiada pela localização intermediária entre a Europa e a Ásia. Enfatizam o papel promissor da Rússia na Eurásia, ao afirmar que o país deve abandonar o velho pensamento geopolítico, visando desenvolver uma estratégia especial para a presença do país na região.

Já a China representa hoje a segunda maior economia do planeta e trader fundamental em diversos países no mundo. Presente na economia de países emergentes às grandes potências, peça-chave como importador global, ao ganhar espaço e visibilidade, ocupou também o posto de possíveis ameaças para equilíbrio na balança de poder mundial.

Conforme descreve Waltz, (2000) e Wohlforth, (1995), ao tratar de Realismo Estrutural: defendiam uma nova teoria após o fim da Guerra Fria, perante a descrença dos demais estados ao adentrar no jogo da balança de poder, tornando-se um polo de poder com uma visão estratégica, em defesa dos

seus interesses nacionais projetadas em um contexto global. O governo chinês hoje se encaixa nesses termos, combinando objetivos diplomáticos e de segurança com metas econômicas, presença regional forte não somente bilateral, mas multilateralmente, em blocos econômicos regionais asiáticos e até intercontinentais.

A perspectiva neorrealista, como disse Wohlforth, (1995), sustenta uma análise que a teoria realista não pôde confirmar por ser fraca em explicar acontecimentos mundiais, como o fim da Guerra Fria. Eles descrevem a recente mudança internacional principalmente como resultado do declínio relativo do poder soviético condicionado pela distribuição global de poder. A partir de então, a Federação Russa adquire uma postura ainda autoritária e expansionista, em busca de sua reconstrução pós-guerras, mas que reconhece a necessidade de alianças e união com potências regionais para fortalecer seu poder de barganha, de grande peso no cenário mundial, principalmente em relação à eurásia.

A economia soviética foi planejada para que suas partes distantes não fossem apenas interdependentes, mas integradas. Postura está, ainda presente nos moldes geopolíticos da Federação Russa, visando integrar potências próximas, a favorecer seu bem comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A política externa sino-russa para o Ártico configura-se como um tema central no cenário geopolítico contemporâneo, marcada tanto pela cooperação estratégica quanto por potenciais áreas de tensão. A crescente importância do Ártico, impulsionada por seus vastos recursos naturais e pela abertura de novas rotas marítimas devido ao derretimento do gelo polar, tem intensificado o interesse de diversos países, incluindo Rússia e China, o que, por sua vez, levanta questões sobre a governança regional e a sustentabilidade ambiental. Embora a cooperação sino-russa no Ártico traga benefícios mútuos, como investimentos chineses no desenvolvimento dos projetos russos de exploração de recursos e acesso da China a rotas marítimas estratégicas, a parceria não está isenta de desafios.

As desconfianças históricas e a divergência de interesses, além das pressões externas de outras potências árticas, como os Estados Unidos, adiciona complexidade à relação. Esta parceria pode ser interpretada como uma resposta ao domínio tradicional das potências ocidentais na região, representando um esforço conjunto para desafiar a ordem internacional estabelecida e promover uma visão alternativa de governança e cooperação no Ártico.

O sucesso duradouro dessa colaboração dependerá da capacidade de Moscou e Pequim de superar tais desafios, construindo uma relação fundamentada na confiança, transparência e respeito mútuo, além da promoção de práticas responsáveis e sustentáveis na exploração de recursos, com a criação de um arcabouço legal e ético que garanta a proteção ambiental e os direitos das comunidades locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONLEY, H. A. A New Security Architecture for the Arctic: An American Perspective. Washington, D.C.: Center for Strategic & International Studies (CSIS), 2012. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/new-security-architecture-arctic> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

DUGIN, A. ОСНОВЫ ГЕОПОЛИТИКИ (Osnovy Geopolitiki). Bases da Geopolítica. Moscou: Arktogeya, 2000.

FEDERAÇÃO RUSSA. Договор о добрососедстве, дружбе и сотрудничестве между Российской Федерацией и Китайской Народной Республикой (Dogovor o dobrososedstve, druzhbe i sotrudnichestve mezhdu Rossiyskoy Federatsiyey i Kitayskoy Narodnoy Respublikoy). Tratado de boa vizinhança, amizade e cooperação entre a Federação Russa e a República Popular da China, 2001.

FEDERAÇÃO RUSSA. Концепсия Долгостройно Социал-экономическое развитие Российской Федерации (Kontsepsiya Dolgostroyno Sotsial'no-ekonomicheskoye razvitiye Rossiyskoy Federatsii). Concepção do Desenvolvimento de Longo Prazo da Federação Russa, 2008a. Disponível em: <http://government.ru/info/6217/> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

FEDERAÇÃO RUSSA. Стратегическое развитие Арктической зоны Российской Федерации и обеспечение национальной безопасности на

период до 2020 года (Strategicheskoye razvitiye Arkticheskoy zony Rossiyskoy Federatsii i obespecheniye natsional'noy bezopasnosti na period do 2020 goda). Desenvolvimento Estratégico da Zona Ártica da Federação Russa e garantia da Segurança Nacional para o período até 2020, 2008b. Disponível em: <https://arctic.gov.ru/FilePreview/14321246-635e-e511-80bf-e14c6e493e30?nodeId=4370391e-a84c-e511-825f-10604b797c23> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

FEDERAÇÃO RUSSA. Об утверждении Стратегии развития железнодорожного транспорта в Российской Федерации до 2030 года и плана мероприятий на 2008-2015 годы по ее реализации (Ob utverzhdenii Strategii razvitiya zheleznodorozhnogo transporta v Rossiyskoy Federatsii do 2030 goda i plana meropriyatiy na 2008-2015 gody po yeye realizatsii). Estratégia de desenvolvimento do transporte ferroviário da Federação Russa até 2030 e plano de ação para 2008-2015 para sua implementação, 2008c. Disponível em: <http://docs.cntd.ru/document/902111037> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

FEDERAÇÃO RUSSA. Энергетическая стратегия Министерства энергетики России на период до 2030 года (Energeticheskaya strategiya Ministerstva energetiki Rossii na period do 2030 goda). A Estratégia Energética do Ministério da Energia da Rússia para o período até 2030, 2010. Disponível em: [http://www.energystrategy.ru/projects/docs/ES-2030_\(Eng\).pdf](http://www.energystrategy.ru/projects/docs/ES-2030_(Eng).pdf) (Acesso em: 24 de junho de 2024).

FEDERAÇÃO RUSSA. The fundamentals of state policy of the Russian Federation in the Arctic in the period up to 2020 and beyond. Moscou: Conselho de Segurança da Federação Russa, 2013.

FEDERAÇÃO RUSSA. Совместная декларация об укреплении глобальной стратегической стабильности (Sovmestnaya deklaratsiya ob ukreplenii global'noy strategicheskoy stabil'nosti). Declaração Conjunta sobre o Fortalecimento da Estabilidade Estratégica Global, 2015.

FEDERAÇÃO RUSSA. The Russian Federation's National Security Strategy. 2015. Disponível em: <http://www.ieee.es/Galerias/fichero/OtrasPublicaciones/Internacional/2016/Russian-National-Security-Strategy-31Dec2015.pdf> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

FRANCE, M. Mahan's Elements of Sea Power Applied to the Development of Space Power. National Defense University National War College. Washington, DC, USA. 2000. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/tr/pdf/ADA432784.pdf> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

GADZIYEV, K. S. Введение в геополитики (Vvedeniye v geopolitiky). Introdução à Geopolítica. Moscou: Logos, 2000.

GERHARDT, H.; STEINBERG, E. P.; TASCH, J.; FABIANO, J. S.; SHIELDS, R. Contested Sovereignty in a Changing Arctic. [S.l.]: University of Colorado - Health Science Library, Routledge, 2014. Disponível em:

<https://philsteinberg.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/05/contested-sovereignty-nocover-7.pdf> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

GONÇALVES, F. Rússia e China em jogos de guerra. CM Jornal, [S. l.], 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/russia-e-china-em-jogos-de-guerra> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

JALIFE-RAHME, A. Rússia e China trabalham juntas pela Rota Polar da Seda. Carta Maior, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Poder-e-ContraPoder/Russia-e-China-trabalham-juntas-pela-Rota-Polar-da-Seda/55/39445> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

KOLOSOF, V. A.; MIRONENKO, N. S. Геополитика и политическая география (Geopolitika i politicheskaya geografiya). Geopolítica e Geografia Política. Moscou: Aspekt Press, 2001.

KRASNER, S. D. An orienting principle for foreign policy. Policy Review, [S. l.], out. 2010. Disponível em: <https://www.hoover.org/research/orienting-principle-foreign-policy> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

LACKENBAUER, P. W.; LAJEUNSSSE, A.; MANICOM, J.; LASSERRE, F. China's Arctic ambitions and what they mean for Canada. Calgary: University of Calgary Press, 2018. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/200718/1/978-1-55238-903-4.pdf> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

LUZYANIN, S. G; HUASHENG, Z. Russian Chinese Dialogue: The 2017 Model (Report N. 33/2017). Moscou: Russian International Affairs Council (RIAC), 2017. Disponível em: <https://russiancouncil.ru/en/activity/publications/russian-chinese-dialogue-the-2017-model/> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

NETHERLANDS, The. The future of the Arctic Region: Cooperation or Confrontation? Haia: Advisory Council on International Affairs, 2014. Disponível em: <https://www.advisorycouncilinternationalaffairs.nl/documents/publications/2014/09/05/the-future-of-the-arctic-region> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

RATNER, M., BELKIN, P., NICHOL, J., WOEHREL, S. Europe's Energy Security: Options and Challenges to Natural Gas Supply Diversification. CRS Report for Congress, March 15, 2013.

RATZEL, F. La géographie politique. Les concepts fondamentaux. Paris: Fayard, 1988.

RUSSAK, I. Ministro da Defesa russo afirma que há ameaça de conflitos no Ártico. News. *Sputnik* (2018). Disponível em: <https://br.sputniknews.com/defesa/2018083112099664-ministro-defesa-russo-ameaca-conflito-artico/> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

SAHUQUILLO, M. Sob sanções do Ocidente, Rússia se alia à China para explorar o Ártico. O Globo, [S.l.], 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/sob-sancoes-do-ocidente-russia-se-alia-china-para-explorar-artico-23331249> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

SIDOROV, D. Post-Imperial Third Romes: Resurrections of a Russian Orthodox Geopolitical Metaphor. Geopolitics, [S.l.], 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/36222879/Post-Imperial-Third-Romes-Resurrections-of-a-Russian-Orthodox-Geopolitical-Metaphor> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

SIMONOV, K.V. Энергетическаясверхдержавка (Energeticheskaya sverkhderzhavka) [Superpotência de Energia]. Moscou: Algoritm, 2006.

SMITH-WINDSOR, B. A. Putting the "N" back into NATO: A High North policy framework for the Atlantic Alliance? Roma: NATO Defense College, 2013. (Research Paper Division NATO Defense College, Rome, No. 94, July 2013).

SOROKA, G. The Political Economy of Russia's reimagined Arctic. Arctic Yearbook, [S.l.], 2016. Disponível em: https://arcticyearbook.com/images/yearbook/2016/Scholarly_Papers/14.Soroka.pdf (Acesso em: 24 de junho de 2024).

SUDBRACK, L. Jogos de poder no Ártico: um reflexo do sistema internacional em transformação. II Seminário de Iniciação Científica ESPM, São Paulo, 2013.

TRENIN, D. The End of Eurasia: Russia on the Border Between Geopolitics and Globalization. Moscou: Carnegie Moscow Center, 2003.

TSYGANKOV, A. Mastering Space in Eurasia: Russia's Geopolitical Thinking after the Soviet Break-Up. Communist and Post-Communist Studies, [S. l.], n. 36, 2003. Disponível em: <https://documentsdelivered.com/source/043/936/043936279.php> (Acesso em: 24 de junho de 2024).

WALTZ, K. N. Structural Realism after the Cold War. International Security, [S.l.], v.25, n. 1, p. 5–41, 2000. Disponível em: https://www.guillaumenicaise.com/wp-content/uploads/2013/10/Waltz_Structural-Realism.pdf (Acesso em: 24 de junho de 2024).

WOHLFORTH, C. W. Realism and the End of the Cold War. International Security, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 91-129, 1995. Disponível em: https://faculty.washington.edu/caporaso/courses/203/readings/wohlforth_R_ealism_and.pdf (Acesso em: 24 de junho de 2024).